

Fronteiras em Dialogo: Edward Thompson e Charles Tilly

Professor Adjunto da Universidade Federal de Viçosa (UFV)
Campus de Rio Paranaíba
João Alfredo Costa de Campos Melo Júnior
E-mail: joao.melo@ufv.br

RESUMO

Intencionando promover o dialogo entre as ciências históricas e as ciências sociais, este texto se apoiará nos debates sobre as ações coletivas promovidos por um historiador e por um sociólogo: Edward Thompson e Charles Tilly, respectivamente. Tanto Thompson quanto Tilly conseguiram promover, e com sucesso, a comunicação entre as ciências históricas e as ciências sociais. O primeiro autor buscou, em seus estudos sobre ações coletivas e culturas populares, uma aproximação fecunda entre a história e a antropologia social, enquanto o segundo pensador promoveu a aproximação da sociologia com a história ao analisar as ações coletivas e mobilizações sociais contemporâneas.

Palavras-chave: Edward Thompson; Charles Tilly; Pensamento Social; Ações Coletivas.

ABSTRACT

This paper aims at providing the dialogue between historic sciences and social sciences, and it is based on the debates about collective actions developed by a historian and a sociologist, namely, Edward Thompson and Charles Tilly, respectively. Both Thompson and Tilly successfully achieved to promote the communication between historic and social sciences. In his studies on collective actions and popular cultures, the former author tried an approximation between history and social anthropology, while the later one provided a approximation between sociology and history by examining contemporary collective actions and social mobilizations.

Keywords: Edward Thompson; Charles Tilly; Social Thought; Collective Actions.

Fronteiras em dialogo: Edward Thompson e Charles Tilly, apontamentos iniciais

Edward Thompson e Charles Tilly representam, cada um a seu modo e com estilos próprios, mananciais férteis e fontes de inspiração constante para os cientistas sociais e historiadores das mais diversas estirpes intelectuais que trabalham em suas atividades acadêmicas os processos de ação coletiva e movimentos sociais.

Para Thompson, o processo de construção das ações coletivas dos trabalhadores ingleses situava-se na cultura popular. Possível mencionar a clássica trilogia de Edward Thompson, traduzida sob o título de *A Formação da Classe Operária Inglesa*¹. Pretendeu, com essa abrangente pesquisa publicada em 1963, articular a organização das primeiras instituições de trabalhadores britânicos com a cultura popular inglesa, rompendo com antigas teses que identificavam a formação das associações operárias apenas às lutas classistas, como propunham os teóricos do Partido Comunista da Grã Bretanha.

A grande inovação de Edward Thompson foi perceber a estruturação da classe operária nas múltiplas experiências culturais associadas a elementos de resistência popular. O autor foi inovador em suas pesquisas ao colocar em evidência os diversos aspectos formadores do operariado inglês do século XVIII, associando tradição e valores culturais nascidos da experiência histórica e social.

O surgimento das ações coletivas precede a formação da classe operária. Apresentam-se como seus alicerces de composição unificando diferenças e pontos aparentemente desconectados, tanto na matéria prima da experiência, como na consciência dos atores sociais (THOMPSON, 1987).

O estudo sobre as ações coletivas na perspectiva teórica e analítica em Edward Thompson possibilita a promoção de um diálogo entre seus diferentes elementos constituidores: cultura popular, classe social, literatura e ação política. A articulação desses elementos, presentes, segundo o autor, nas ações coletivas constitui o objetivo central deste trabalho.

Com a publicação, em 1974, do seu consagrado *From Mobilization to Revolution*, Charles Tilly incorporava novas abordagens sobre os comportamentos e as ações coletivas, tornando-se referências para os estudiosos da área. Nessa obra, Tilly procura trabalhar com as teorias sobre ação coletiva a partir das obras de Marx, Weber e Durkheim, não se restringindo somente aos três clássicos das ciências sociais. Ele congregou novos elementos teóricos ao seu estudo. Por exemplo, para compreender como as mudanças nas estruturas sociais afetavam as formas de ação coletiva, recorreu aos historiadores marxistas da escola inglesa — Hobsbawm e Thompson —, assim como

¹ Composta por três volumes intitulados *A Árvore de Liberdade*, *A Maldição de Adão* e *A Força dos Trabalhadores*, a tradução do título original, *The Making of the English Working Class* para *A Formação da Classe Operária Inglesa*, não conseguiu, como adverte a tradutora do livro, captar a real intenção de Thompson ao propor esse título. Ao utilizar o termo substantivado *The Making*, o autor conscientemente pretendia evidenciar o movimento de autoconstituição das classes operárias inglesas ao longo da história, através, principalmente, da luta de classes.

à Escola dos Annales, principalmente às concepções de longa duração de Fernand Braudel.

A preocupação central era perceber se as transformações nas estruturas sociais afetariam as ações coletivas diminuindo seu impacto junto à sociedade¹. Caso o poder de barganha dos movimentos sociais diminuísse em consonância com as transformações coletivas e estruturais, os resultados políticos visíveis desses grupos seriam, certamente, o retrocesso ou a completa estagnação de suas ações. Pois bem, com esse raciocínio, Tilly classificou as mobilizações em ofensivas e defensivas, dependendo do grau de comprometimento dos movimentos sociais executores.

O presente texto irá discutir as noções de ação coletiva e movimentos sociais sob as perspectivas de Thompson e Tilly. Em busca de uma maior verticalização optou-se por trabalhar os dois autores separadamente, trazendo à luz algumas impressões por Edward Thompson e Charles Tilly sobre as temáticas das ações coletivas e dos movimentos sociais. Serão expostas suas contribuições tendo como plataforma os livros "A Formação da Classe Operária Inglesa" de Thompson, lançado originalmente em 1963, e "From Mobilization to Revolution", de autoria de Charles Tilly, lançado em 1974.

Em primeiro lugar, serão apresentadas as contribuições de Thompson e em seguida as de Tilly. Ao final do texto, os dois autores serão trazidos em conjunto como tentativa de pensar diálogos em fronteira.

Thompson um historiador militante

Edward Palmer Thompson nasceu em Oxford, Inglaterra, em 1924. Seu pai, o pastor Edward John Thompson, sua mãe, a missionária Theodosia Thompson, e seu irmão mais velho Frank Thompson, assassinado por fascistas búlgaros durante a Segunda Grande Guerra², foram talvez as principais influências políticas e sociais do jovem Thompson.

¹ Vale lembrar que Charles Tilly concebia as mobilizações como movimentos amplos que não se restringiam somente a rebeliões ou atos terroristas. Para ele, as ações coletivas vão desde manifestações pacíficas, marchas, a demandas públicas. Ele conclui que as ações coletivas não são apenas movimentos políticos contrários à ordem política, econômica e social estabelecida. São também as movimentações de pessoas sem histórico partidário que se manifestam por objetivos comuns.

² Em tom de homenagem ao irmão e ao filho mais velho, Edward e Theodosia Thompson escreveram e publicaram em 1947 uma obra intitulada "There is a Spirit in Europe. A Memoir of Frank Thompson."

Foi pelas mãos de seu irmão Frank que, com 17 anos, E. P Thompson se filia ao Partido Comunista Britânico, alistando-se, em seguida, como voluntário, nas tropas inglesas que lutaram na guerra¹. Com o fim do conflito, um duplo sentimento apossa-se de Thompson: de um lado a felicidade pela derrocada do nazi-facismo e a certeza quase incontida, na escalada da esquerda nos países europeus. De outro, a tristeza e a amargura pela morte seu irmão mais velho Frank, capturado e fuzilado em 1944 na Bulgária².

Encerrada a guerra, Thompson retoma seus estudos universitários, interrompidos em 1942, graduando-se em História no ano de 1946. A História não foi a opção original do autor, que queria ser poeta como seus pais. Na tentativa de realizar esse sonho, resolve cursar Letras, transferindo-se posteriormente de opção, influenciado por Frank Thompson, que já cursava História³.

Uma vez cursando História, é eleito presidente do Clube dos Estudantes Socialista da Universidade. Nesse período, foi bastante influenciado por Christopher Hill e Maurice Dobb, com os quais construiu um núcleo de pensamento e estudos, denominado Marxistas Humanistas. Além de Thompson e Hill, também integravam o grupo: Raymond Williams, Raphael Samuel, John Saville, Eric Hobsbawm, Dorothy Thompson, entre outros. A união desse grupo de intelectuais ingleses foi o embrião da Escola Marxista Revisionista ou Escola Neo-Marxista Inglesa⁴.

Os encontros cotidianos com esse grupo de intelectuais britânicos foram decisivos para a opção profissional de Thompson. O convívio desperta a vontade de se tornar um historiador social da classe operária e de suas ações coletivas, que, para ele, eram impregnadas de cultura romântica e resistência popular. Thompson definia-se

¹ Não há informações precisas sobre a participação de Thompson na II Guerra. Alguns biógrafos argumentam que o historiador lutou na Itália e na França. Já outros afirmam que ele combateu na Itália e no norte da África. Para maiores detalhes, ver, entre outros: KAYE, H, *The British Marxist Historians: an inductive analysis*. Cambridge: Polity Press, 1984. e PALMER, Brian. *The Making of E.P. Thompson: Marxism, Humanism and History*. Toronto: New Houghtown Press, 1981.

² Esse duplo e contraditório sentimento é assim relatado: “[...] No fim do conflito, carregava consigo as esperanças abertas com a vitória sobre o nazi-facismo e com a ascensão de forças de esquerda em vários países europeus, tanto no ‘Leste’ como no ‘Ocidente. Porém, igualmente, trazia uma grande dor, a morte de Frank capturado e executado na Bulgária [...]” (FORTES, NEGRO e FONTES, 2001: 22).

³ Hobsbawm diria que Frank ainda era mais genial, brilhante e favorecido em relação ao irmão mais novo.

⁴ A constituição desse grupo aglutinou-se em torno das críticas ao marxismo estruturalista, particularmente a um de seus principais representantes, Louis Althusser (1918-1990). As oposições dessa escola histórica e social ao marxismo estrutural articulavam-se contrárias as noções de falsa consciência e a percepção de classe social como uma entidade estática e presa no tempo.

politicamente nesse momento como um marxista humanista ou um morrissiano-marxista, uma clara alusão/homenagem ao poeta William Morris.

A Formação da Classe Operária Inglesa de 1963 é o exemplo mais notório da influência de Morris na obra de Thompson. A trilogia tenta, e com sucesso, trazer à tona um marxismo revigorado pelo humanismo romântico e literário de William Morris. Löwy (1999) afirma que o “estilo literário” assumido por Thompson evidenciava a história escrita pela tela dos vencidos, graças à perspectiva romântico-socialista inspirada em Williams Morris. De acordo com a citação:

[...] É graças à sua perspectiva romântico-socialista que seu autor pôde tornar visível o avesso do cenário e reescrever a história da virada do século XVIII a partir da experiência das vítimas do progresso. A formação da classe operária inglesa é também, como Miguel Abensour notou muito bem no seu prefácio à tradução francesa do livro ‘morrissiano’; isto é, profundamente impregnado pelos modos de percepção formados na leitura de Williams Morris, talvez o mais romântico dos revolucionários socialistas” (LÖWY, 1999, p. 06).

Desde sua concepção original, o escopo da obra era refletir a formação de processos de ação coletiva, associados a elementos da cultura popular e literária, pensadas como forma de resistência aos efeitos danosos da revolução industrial nas baixas camadas populares da Inglaterra naquele momento histórico.

O debate sobre ações coletivas na “Formação da Classe Operária Inglesa” articula-se, segundo Thompson, em torno da noção de classe operária. Tema recorrente nas obras do autor, que observa classe social como algo fluido e de dinâmicas relações, somente entendidas através de seus contextos históricos e sociais¹. Não existe um padrão teórico estabelecido que consiga dimensionar classe social no seu tipo/modelo mais puro e intocado, tamanha sua volatilidade.

É dentro desse perfil que Thompson procura resgatar a formação de ações coletivas originárias de movimentos sociais e populares da Inglaterra do século XVIII. A adoção da cultura popular seria, segundo o historiador britânico, o elemento formador das ações coletivas e das estratégias de resistência do operariado inglês do século XVIII. A utilização de elementos da cultura popular preencheria um vazio sentido na produção acadêmica marxista estruturalista inglesa, que propositalmente desprezava as manifestações culturais das classes baixas.

¹ De acordo com Thompson: “By class I understand an historical phenomenon, unifying a number of disparate and seemingly unconnected events, both in the raw material of experience and consciousness. I emphasise that it is a historical phenomenon. I do not see class as ‘structure’, nor even as a ‘category’, but as something which fact happens (and can be shown to have happened) in human relationships” (THOMPSON: 1962, p. 03).

Thompson vê nesse processo, momento de transformação do discurso produzido pelas elites e pela historiografia oficial e ortodoxa, que, segundo ele, não evidenciavam propositalmente a constituição do proletariado enquanto classe social. A análise da formação proletária enquanto classe social organizada é um dos pontos nevrálgicos da enorme e diversificada produção de Edward Thompson, e essa era uma das muitas batalhas acadêmicas que propunha o historiador britânico. Isto é, mostrar que experiências radicais levariam à formação de consciências de classes distintas.

Essa foi a orientação central de toda a produção histórica de Thompson: revelar para a história as camadas pobres e os operários como sujeitos autônomos e dotados de consciência social:

“Eu procuro salvar da imensa condescendência da posteridade o pobre rendeiro que trabalhava com a máquina, o tecelão ludista; o tecelão ‘obsoleto’ que ainda trabalha com tear manual, o artesão ‘utopista’, e até o discípulo enganado de Joanna Southcott” (THOMPSON, 1987).

É importante mencionar que Thompson procura estacar, por meio das aspas, os termos “ludista”, “obsoleto” e “utopista”, demonstrando de maneira crítica que as tradicionais categorizações da historiografia inglesa eram construídas de maneira linear. Idealizavam o passado e sua representação histórica articulando-os, segundo o autor, de forma acrítica. Os pesquisadores filiados a essa concepção teórica negligenciavam propositalmente o sentido humano dos acontecimentos.

Thompson, ao trabalhar as proposições em contrário, busca demonstrar que a proposta marxista tradicional, que ele denomina de conformista, reflete apenas uma pequena parte de um todo. Nesses estudos em especial, realizados preferencialmente por historiadores econômicos, o progresso humano sempre vinha associado ao crescimento econômico. Essa seria, segundo sua concepção, uma forma obtusa de enxergar e historiar a realidade social da Inglaterra do século XVIII.

Ao criar tal proposição, Thompson dirigia severas críticas à corrente estruturalista marxista e em particular a Perry Anderson e Ton Nairn, propagadores das teorias althusserianas na Inglaterra. O cerne do debate apoiava-se nas noções de classe e luta de classes, enquanto Anderson e Nairn advogavam classe social como elemento componente indissociável das categorias de infraestrutura e superestrutura; em outras palavras, concebiam a formação da classe social e de sua consciência como derivação do processo da base produtiva.

Por seu turno, Thompson manifestava claramente suas objeções e oposições a essa visão marcadamente estrutural e estática sobre classe social. De acordo com suas indagações, o conceito de classe social não pode ser apreendido como um simples produto do desenvolvimento estrutural das forças produtivas. Todavia, procura demonstrar que o termo “classe social”, é dinâmico e guarda em seu interior diferentes interpretações e significados.

Assim, Thompson procura evidenciar que a formatação da classe operária inglesa e de suas ações coletivas acontecem com a participação da “gente comum”, para usar um termo caro ao autor. Dessa forma, é inaugurada a história das massas comuns como forma de perceber a formação da classe social. De acordo com o autor, as camadas populares são ativamente participantes, preenchendo as lacunas históricas deixadas pela historiografia marxista tradicional¹.

O século XVIII inglês, particularmente a Revolução Industrial, foi objeto privilegiado de estudo do historiador britânico. Thompson concentrava suas atenções em mostrar, e é disso que trata A “Formação da Classe Operária Inglesa” de 1963, que a Revolução Industrial na Inglaterra teve uma natureza catastrófica para segmentos populares da sociedade britânica. Para o autor, essa foi à condição necessária para o surgimento de reações das camadas populares².

É dentro desse perfil que Thompson procura resgatar a formação de ações coletivas originárias de movimentos sociais e populares da Inglaterra do século XVIII. A adoção da cultura popular seria, segundo o historiador britânico, um dos elementos formadores das ações coletivas e das estratégias de resistência do operariado inglês do século XVIII. A utilização de elementos da cultura popular preencheria um vazio sentido na produção acadêmica marxista estruturalista inglesa, que propositalmente despreza as manifestações culturais das classes baixas.

¹ Estaria aqui um dos pontos do desentendimento teórico entre Edward Thompson e Perry Anderson. O cerne da crise entre os dois historiadores britânicos torna-se mais evidente quando, em 1963 Anderson assume a direção do conselho editorial da *New Left Review*, dando um novo redirecionamento para a revista, privilegiando publicações voltadas para um marxismo estruturalista. Nesse debate, Anderson publicou “Origins of the present crises”, sendo imediatamente respondido por Thompson em “Peculiarities of the English”. Alguns anos depois, este ensaio foi publicado na coletânea “The Poverty of Theory and other essays”, traduzida no Brasil sob o título “A Miséria da Teoria”. Com a publicação da obra, as relações entre Thompson e Perry Anderson tornam-se insustentáveis. Cada qual analisava a formação da sociedade inglesa sob uma perspectiva: enquanto Perry Anderson entendia sua formação centrada em uma análise estrutural, Thompson a concebia como um conjunto de possibilidades e transformações dos agentes humanos em sociedade.

² Segundo Löwy (1999), a revolta popular inglesa se fortalece pela nostalgia de um estilo de trabalho e de lazer anterior à rígida disciplina do industrialismo.

Aqui, mais uma vez, é necessário retomar o debate intelectual entre Edward Thompson e Perry Anderson com a publicação de *“Origins of the Present Crises”* e a contrapartida *“Peculiarities of the English”*. No centro do debate, a experiência histórica de formação da classe operária inglesa e o empreendimento das ações coletivas.

Enquanto Anderson definia seu campo de análise historiográfica ancorado em uma análise estrutural, o outro historiador trabalhava a hipótese da ação humana como transformadora da sociedade. Ambas partem de perspectivas quase antagônicas. A citação não deixa dúvidas:

“Nos idos de 1962, quando as atividades da New Left Review estavam um pouco confusas, a direção da Nova Esquerda convidou um hábil colaborador – Perry Anderson para assumir a editoria da revista. Encontramos, como esperávamos, no camarada Anderson a decisão e a coerência intelectual necessárias para assegurar sua continuidade [...]” (THOMPSON, 2001: 75).

E ainda acrescenta:

[...] Todos os ramais secundários não econômicos e desvios socioculturais da New Left, que estavam, de resto, recebendo cada vez menos tráfego, foram abruptamente desativados. As principais linhas da revista sofreram uma modernização igualmente brusca. As marias-fumaças da Velha Esquerda foram varridas dos trilhos, as paradas marginais (Compromisso, Qual o Futuro do CND?, Mulheres Apaixonadas), foram fechadas, e as linhas, eletrificadas para o tráfego expresso Rive Gauche marxistencialista [...]” (THOMPSON, 2001: 76).

Em outro momento:

[...] Em menos de um ano, os fundadores da revista descobriram, para seu pesar, que o conselho editorial vivia em um ramal que, após rigoroso balanço intelectual foi considerado deficitário. Percebendo-nos supérfluos, colocamos nossos cargos a disposição (THOMPSON, 2001: 76).

A discordância intelectual entre os dois pensadores da esquerda inglesa organizava-se em torno da nova proposta editorial adotada pela New Left Review, que, segundo Thompson, articulava três principais eixos aglutinadores: análises do terceiro mundo, definições da teoria marxista¹ e análise da história e estrutura sociais britânicas (THOMPSON, 2001:76).

O reflexo mais agudo da disputa intelectual teria assento na formação da classe operária inglesa e na implantação de suas ações coletivas. No centro do palco, Perry Anderson e Edward Thompson.

¹ É interessante mencionar que Thompson considerava as análises marxistas estruturalistas evasivas e soltas teoricamente, por não levarem em consideração as formas de ação humana, como articuladoras e criadoras das teorias históricas e sociais.

O primeiro procurava traçar um paralelo entre a Revolução Inglesa do século XVII e a formação da base infraestrutural da Grã-Bretanha, destacando que não houve mudanças nas superestruturas da sociedade. Em outras palavras, a consolidação de uma aristocracia agrária obliterou a solidificação de uma burguesa industrial e urbana, afetando conseqüentemente a formação de uma classe operária inglesa. O resultado seria uma classe operária subserviente, incapaz de articular-se em busca de uma proposta de transformação social. O que se observava no operariado inglês, segundo Anderson, era uma tendência ao corporativismo (MUNHOZ, 2005).

Thompson demarca sua posição em contrário. Para ele, o capitalismo inglês teve na aristocracia agrária peça imprescindível para sua articulação e fortalecimento. Desde o começo, a burguesia inglesa tornou-se uma classe importante e dominante da Grã-Bretanha, facilitando, dessa forma, o auto fazer-se da classe trabalhadora britânica.

Pensando a classe operária inglesa, Thompson colocava que a análise feita por Anderson era simplória e superficial, uma vez que não levava em consideração a tradição radical e a experiência histórica particular de cada grupo de trabalhadores¹ (MUNHOZ, 2005).

Thompson vê, nesse processo, momento de transformação do discurso produzido pelas elites e pela historiografia oficial e ortodoxa, que, segundo ele, não evidenciavam, propositalmente, a constituição do proletariado enquanto classe social.

Sem sombra de dúvidas, esse é o principal registro dos trabalhos historiográficos produzido por E.P.Thompson: tentar dar “voz aos vencidos”, como havia proposto Walter Benjamin².

A perspectiva sociohistórica de Charles Tilly

Charles Tilly é um dos pesquisadores mais revisitados na área das ciências sociais. Sua produção acadêmica passava por temas como ação coletiva, formação dos

¹ A radicalidade nas ações coletivas dos trabalhadores ingleses é um importante elemento resgatado pelo autor em suas pesquisas sobre cultura popular. De acordo com Thompson, seria essa a característica marcante na formação das associações operárias e de trabalhadores, como se percebe na seguinte passagem: “Seus fundadores não tinham aceitado a submissão, nem teriam admitido a palavra grata. A tensão entre reinos ‘exterior’ e ‘interior’ implicava uma rejeição dos poderes dos dirigentes, exceto nos pontos em que era inevitável a coexistência: e muitos argumentos hábeis haviam outrora se voltado para o que era e o quê não era ‘legítimo’ para a consciência [...]” (THOMPSON, 1987: 31).

² Para maiores detalhes ver: Löwy (2005).

Estados Nacionais europeus, metodologia, cidadania e urbanização, transformações macro-estruturais, entre outras frentes temáticas.

Entretanto, a grande contribuição de Tilly foi ter se tornado uma referência obrigatória e segura para todos aqueles que trabalham na estrita fronteira entre a sociologia e a história. Nesse aspecto, teorizou sobre o modelo de explicação sociológica associada à produção histórica através do método da Longa Duração. Considerava também as explicações históricas que rejeitavam as visões historiográficas universalistas separadas de pesquisas empíricas.

Dessa forma, Monsma (1996) argumenta que um dos pontos altos da produção teórica de Tilly foi o estabelecimento de conexões entre a sociologia e a história. Em dois estudos — *As Sociology Meets History* (1981) e *Big Structures, Large Processes, Huge Comparisons* (1985) — discute a importância de aproximação entre as duas ciências. Entre os argumentos levantados por Tilly, o mais conspícuo foi mostrar que os historiadores, especialmente os marxistas revisionistas ingleses, como Eric Hobsbawm, Edward Thompson, Albert Soboul e outros, já utilizavam teorias e métodos originalmente voltados às ciências sociais. A recíproca entre a sociologia e a história era verdadeira, dizia o autor, pois as principais teorias sobre os processos de modernização, utilizadas pelos sociólogos, tinham como base a história (MONSMA, 1996).

Charles Tilly foi o criador de uma metodologia de trabalho, por ele denominada de “política contenciosa”, que consistia em uma profunda pesquisa de campo, fortalecida através de coleta de fontes, culminando em análises integradas de temas como movimentos sociais, revoluções, formação de Estados Nacionais entre outros.

Utilizando recursos investigativos próprios, o autor desenvolve critérios de estudo sobre as ações coletivas, priorizando dados qualitativos, arquivos e jornais. Porém, sua inovação acontece quando utiliza dados quantitativos em seus estudos sobre as greves, as rebeliões, os motins e outras formas de ação coletiva. O uso da metodologia quantitativa visava aprimorar hipóteses de trabalho que não conseguiam ser respondidas pelos métodos tradicionais. As transformações nas estruturas sociais e seus reflexos nos resultados das ações coletivas, as alterações sociais com o capitalismo industrial e o significativo aumento das organizações sociais foram delineadas e explicadas através da perspectiva metodológica de Tilly.

Fazendo uso de uma metodologia histórica¹, Tilly inovou na criação de modelos e teorias para analisar importantes questões sociológicas. Para tal, buscou através de técnicas de arquivamento de fontes documentais a criação/organização de catálogos sobre as políticas contenciosas européias.

A importância fundamental do catálogo elaborado por Tilly foi a plena possibilidade de realização de estudos e métodos comparativos entre fenômenos e movimentos sociais, como as greves, manifestações sociais, protestos, motins entre outras formas de expressão popular. Por essa formulação poderiam ser estabelecidos métodos comparativos no tempo e no espaço (Catañeda, 2009).

Nesse sentido, a abordagem usual utilizada pelo autor é o trabalho histórico comparativo sobre as ações coletivas². Tendo como referência os séculos XVIII e XIX, Tilly evidencia as alterações nas formas de mobilização política dos atores sociais. Em cada período, o “repertório de ação coletiva³” é completamente diferente, ou seja, as manifestações ocorridas no século XIX eram mais eficientes e organizadas do que as do século anterior.

Por outro lado, a sociologia norte-americana, ainda muito influenciada pela teoria funcionalista de Parsons, colocava a perspectiva metodológica da sociologia histórica como subárea da sociologia geral. A discordância era imediata, Charles Tilly observava, argumentando que esta seria simplesmente uma nova modalidade empírica de se construir/fazer a sociologia geral.

Vale lembrar que, entre Parsons e Tilly existiam divergências teóricas. Sociólogos parcialmente contemporâneos, Tilly postulava que a sociologia parsoniana englobava forçadamente diferentes categorias sociais dentro de um “organismo abstrato e etéreo denominado sociedade” (CATAÑEDA, 2009).

Outro ponto discordante entre os dois sociólogos norte-americanos centrava-se na institucionalização da sociologia. Enquanto, para Parsons, tal institucionalização era fundamental e imprescindível, uma vez que a consolidaria permanentemente em solo

¹ Argumenta-se que parte dos sociólogos que trabalham com a perspectiva histórica, entre Tilly, recebeu influência dos métodos de similaridade e diferença de Stuart Mill (MONSMA, 1996).

² É interessante ressaltar que para Tilly, como também para Weber, não existiriam diferenças e separações entre o social, o político e o econômico. Todos são produzidos através da interação entre os seres sociais organizados em grupos de ação. Essa união não seria, simplesmente, por demandas psicológicas, como lembra o autor.

³ Esclarecendo o significado de “repertório de ação coletiva”, comenta Monsma (1996, p. 19): “Um repertório é uma espécie de caixa de ferramentas cultural de que as pessoas servem para fazer reivindicações coletivas [...]”.

norte-americano, Tilly argumentava que a institucionalização da disciplina traria consigo as maiores vitórias para a sociologia, mas também traria seus maiores problemas e derrotas no empreendimento intelectual. Entende-se que a preocupação levantada pelo autor caminha no sentido de preservar as inúmeras e efetivas possibilidades de pesquisas e trabalhos que tivessem como marca central a interdisciplinaridade. A institucionalização da sociologia poderia, pela ótica de Tilly, trazer problemas nesse sentido.

Charles Tilly procurava argumentar que não seria viável teorizar sobre a distinção entre as esferas econômicas, sociais, culturais e políticas. Essas diferentes possibilidades analíticas seriam produzidas, de acordo com o autor, pela constante interação entre os grupos sociais através de suas ações em sociedade. A agregação e a formação de grupos de ação social não se dariam tão somente através de puras inclinações psicológicas, mas por opção individual de filiação a determinado movimento.

Atualmente, os movimentos sociais e suas mobilizações pregam, segundo Tilly, o desenvolvimento da autonomia social, a ampliação dos espaços políticos institucionais abertos, democráticos e representativos (GOHN, 2004). Assim, as novas formas de mobilização popular se revestem em protestos, greves, pressões, manifestações populares — estilos de manifestações completamente diferentes e inovadores se comparados aos dos séculos XVIII e XIX.

As experiências dos atores sociais e a constituição de ações coletivas são evidenciadas e debatidas pelo autor a partir de dados relacionais sobre a formulação desses empreendimentos. A epistemologia relacional de Tilly auxiliaria no estudo sobre a implantação de ações coletivas pelos grupos sociais em consonância com as dinâmicas e fluxos da sociedade.

O emprego desta metodologia de trabalho não caracteriza o abandono da perspectiva sócio-histórica. Ao contrário: seria um incremento na possibilidade de emprego da sociologia histórica, e o completo abandono de uma visão mais estruturalizante dos movimentos sociais e da construção de mobilizações.

O sucesso das mobilizações seria o resultado direto das formas como os movimentos sociais se organizavam. A conformação dos grupos era sistematicamente lembrada pelo autor como um importante fator responsável pelo sucesso das ações coletivas.

Tilly lembra que as organizações podem apresentar diferentes nuances: confederações de trabalhadores, organizações estudantis, grupos de amigos, movimento de bairro, partidos políticos e outros. Portanto, são as conexões entre os integrantes de um mesmo grupo de ação compreendidos, para Tilly, com o uso de dados quantitativos (MONSMA, 1996).

A explicação para as mudanças de atitude dos movimentos sociais e do repertório das ações coletivas estaria ligada ao desenvolvimento capitalista e industrial:

“Tilly vincula as mudanças nos repertórios de ação coletiva aos processos a longo prazo e em grande escala de mudança social, em especial o desenvolvimento do capitalismo nos Estados nacionais. Esses processos alteram de modo fundamental o contexto da contestação popular e, portanto, o conteúdo dos repertórios de ação coletiva”. (MONSMA, 1996, p. 20)

Charles Tilly delinea claramente em seus trabalhos as transformações ocorridas nas ações coletivas ao longo do tempo, mostrando a contínua mudança de postura dos atores sociais. Em outras palavras, houve o deslocamento do foco das mobilizações de trabalhos locais para as greves e os protestos nacionais e de conflitos ilegais para ações sociais toleradas (MONSMA, 1996).

Embora possa parecer, a aceitação dos diferentes tipos de movimentos sociais e de suas mobilizações não deveria ser compreendida como o sinal mais visível do amadurecimento da democracia. Divergindo de outros autores, e de parte da literatura especializada, Tilly percebe que o caminhar rumo à democracia não era evolutivo e muito menos linear. Era sim, tortuoso e inconstante.

Ademais, relativiza o sociólogo norte-americano, não teria nenhum exemplo concreto de uma democracia consolidada e irreversível. Todas, independentemente da idade e do modelo de estruturação, estariam sujeitas a momentos de crises e instabilidades políticas.

Fronteiras em diálogo: Edward Thompson e Charles Tilly, apontamentos finais.

Este texto apresentou as inserções acadêmicas e intelectuais de Thompson e Tilly, destacando as metodologias dos autores e suas preocupações temáticas e empíricas. Nota-se que Edward Thompson e Charles Tilly inserem-se em campos de pesquisa diferentes. Enquanto o primeiro volta seus empreendimentos acadêmicos para

as organizações políticas e culturais de trabalhadores e “gente comum” inglesa do século XVIII/XIX, Tilly trabalha preferencialmente com a formação dos Estados Nacionais europeus.

Mesmo com temáticas diferentes, os dois autores, ao realizarem suas pesquisas utilizaram de estratégias semelhantes. Ambos, cada qual em suas temáticas, trabalham de modo interdisciplinar, conjugando possibilidades teóricas diversas: a história dialogando com a antropologia, com a ciência política e outros campos limítrofes do saber. Sem dúvida, a intenção primaz dos autores era construir possibilidades analíticas mais ricas em relação ao tema pesquisado. Edward Thompson e Charles Tilly podem ser alçados à categoria de pensadores contemporâneos que utilizaram, em suas pesquisas, estratégias teóricas que conjugavam elementos oriundos de áreas afins.

Em pesquisa que originou o clássico “Costumes em Comum” (1994), Thompson utilizou de diferentes fontes documentais, até então pouco usuais na historiografia inglesa. Coube também ao autor a “apropriação” de técnicas antropológicas que muito enriqueceram a pesquisa e seus resultados. Tendo como objeto preferencial a cultura popular e folclórica inglesa do século XVIII, o emprego de metodologias pertinentes à pesquisa antropológica serviu como suporte para o desenvolvimento de um trabalho mais sólido e coerente com a proposta inicial da pesquisa e do livro.

Charles Tilly também trabalhava utilizando métodos pertinentes a sociologia e a ciência política clássicas, associando-os a uma farta pesquisa documental e histórica. Procurando uma maior qualidade analítica de suas fontes, Tilly conjugava metodologias qualitativas com dados quantitativos a fim de construir uma base mais sólida de informações.

Em seu livro “From Mobilization to Revolution”, de 1974, além de trabalhar com métodos qualitativos e quantitativos, Tilly utilizou a noção histórica de longa duração cunhada por Fernand Braudel. A idéia da longa duração era perceber o processo histórico em sua amplitude estrutural. Em outros termos, buscava evidenciar as transformações históricas em seu sentido mais amplo.

Nota-se que Tilly recebe influências da escola revisionista inglesa, da qual Thompson fazia parte, destacando-se como um intelectual brilhante e criativo.

Edward Thompson e Charles Tilly trabalharam seus temas abrindo possibilidades para inserções metodológicas em outras paisagens conceituais. Fato que engrandece

seus trabalhos e pesquisas. A interdisciplinaridade é, sem dúvida, uma das marcas mais presentes nos trabalhos de Thompson e Tilly.

Atuando em zonas de fronteira intelectuais, os dois pensadores, um inglês e outro norte-americano, apesar de não possuírem trabalhos comuns, revelam, pelas suas produções, caminhos semelhantes e de proximidade, sendo Thompson, talvez, um dos grandes influenciadores de Tilly.

Cabe a seus analistas revelar pontos convergentes na produção de Thompson e Tilly. Este texto se constitui apenas uma primeira tentativa nesse sentido.

Recebido em: 22/09/ 2010
Aceito em: 14/12/2010

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTAÑEDA, Ernesto. *Charles Tilly: Connecting Large Scale Social Change and Personal Narrative*. *Sociological Research Online*, Volume 14, Issue 5. <http://www.socresonline.org.uk/14/5/24.html>.

FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi; FONTES, Paulo . As peculiaridades de E. P. Thompson. In: Sergio Silva; Antonio Luigi Negro. (Org.). *As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. 1 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, v. 1, p. 11-45.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses sobre o "conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005.

LÖWY, Michael. A corrente romântica nas ciências Sociais da Inglaterra: Edward P.Thompson e Raymond Willians. *Revista Crítica Marxista*, Campinas, nº 8 p.43-68, junho de 1999.

MONSMA. Introdução. In: TILLY, Charles. *Coerção, capital e Estados europeus*. São Paulo: Edusp, 1996.

MUNHOZ, Sidnei. Fragmentos de um possível diálogo com Edward Palmer Thompson e com alguns de seus críticos. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, vol 2. nº 2, setembro de 1997.

PALMER, Bryan. *Edward Thompson objeções e oposições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

THOMPSON, Edward. *Os Românticos. A Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Senhores e caçadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

_____. *Exterminismo e Guerra Fria*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *Zero Option*. Manchester Road: Bristish Library, 1982.

_____. *Making History. Writtings on History and Culture*. New York: New York Press,1995.

_____. *The Essential E.P Thompson*. New York: New York Press, 2001.

_____. Socialist Humanism. *The New Reasoner*, London, nº1, p. 105-143. Summer, 1957.

_____. *Witness Against the Beast: William Blacke and the Moral Law*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

TILLY, Charles. *From Mobilization to Revolution*. Ann Arbor, Michigan Addison-Wesley.1973.

_____. *Coerção, capital e estados europeus*. São Paulo: Edusp, 1996.

_____. *Stories, Identities, and Political Change*. Lanham, Md.: Rowman & Littlefield, 2002.

_____. *Trust and Rule*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2005.

_____. 'Why and How History Matters', in GOODIN, RE and TILLY, Charles. (editors) *Oxford Handbook of Contextual Political Analysis*. Oxford, UK: Oxford University Press, 2006.

_____. *Why?* Princeton: Princeton University Press, 2006.

_____. and TARROW, *Contentious Politics*, Boulder, CO: Paradigm Publishers, 2007.

_____. *Democracy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

_____. *Contentious Performances*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.